

---

# *Fern*

---

Jean Toomer

Tradução: José Luiz Pereira da Costa

A face confluía em seus olhos. Fluía como uma suave espuma cremosa com tristes ondulações, de um modo tal que, não importa onde você fizesse recair seu olhar, este deslizaria imediatamente na direção daqueles olhos. Ali, a suave sugestão de ondulação levemente escura, como a sombra de uma poderosa asa de ave, a cremosa cor amarronzada de seu lábio superior. O porquê, após notar esses detalhes, de você procurar por seus olhos, não sei dizer. Seu nariz era aquilino, semítico. Se você já ouviu um cantor judeu cantar, se ele tocou seus sentimentos, de forma a tornar trivial sua dor, se comparada com a que ele expressa – você vai entender o que sinto, quando sigo as curvas daquele perfil, sinuoso como rios serpenteantes, confluindo a seu delta comum. Eram estranhos olhos. Eles nada procuravam – quero dizer, nada que fosse óbvio e tangível, e que alguém pudesse ver, e davam a impressão de que nada lhes deveria ser negado. Quando uma mulher quer, você pode observar, seus olhos negam. Os olhos de Fern desejavam nada que você fosse capaz de oferecê-la; não havia razão alguma para que eles encarassem. Os homens viam seus olhos e enganavam-se. Eles diziam-lhes que ela era fácil. Quando jovem, uns poucos homens tocaram-na, e não recolheram qualquer prazer disso. E conseguido, tornavam-se amarrados nela (oposto, com outras comiam e sumiam), sentiam-se como que fossem levar uma vida inteira para cumprir uma obrigação tal que sequer podiam denominá-la. Ficavam colados nela e famintos por identificar o mais tênue traço de algo que pudesse compor um dos desejos de Fern. À medida em que cresceu, homens que vieram para a cidade passaram a sentir o mesmo que outros haviam experimentado ao vê-la: que não seriam recusados. Os homens continuavam persistentemente oferecendo-lhe seus corpos. Porém, algo em seu interior fez-se cansado deles – é o que julgo –, pois acredito piamente que ela jamais poderia dizer porque e como começou a recusá-los. Um homem em paixão, não é algo fácil de se descartar. Eles começaram a se afastar dela, perplexos e envergonhados, mas ao mesmo não arredando um desejo de um dia fazer algo elegante para com ela, por exemplo: mandar-lhe bom-bons todas as semanas, sem dizer quem o fazia; cuidar o dia de seu casamento, para remeter-lhe algo valioso, também sem identificação; comprar uma casa e doá-la à Fern; salvá-la de um tipo que a tenha induzido artificialmente ao casamento. Como você sabe, os homens têm propensão a idolatrar ou temer aquilo que não têm capacidade de compreender, especialmente se aquilo é uma mulher. Ela não os rejeitava, todavia, a verdade é que eles eram enfeitados. Algo como um mito florescia em suas mentes: ela era melhor do que eles. Estando num plano superior, significava ser inabordável. Mantinha-se virgem. Porém, numa cidadezinha do Sul dos Estados Unidos, isso não é, por certo, algo comum – você pode crer! Os sexos foram feitos para se acasalarem – esta é a regra. Especialmente os negros – estes foram feitos para se casar. E é a respeito de negros que tenho falado até aqui. O que pensavam os brancos sobre Fern, posso concluir, apenas por analogia. Estava fora de seu mundo.

É claro que todos podiam vê-la; podiam espreitar seus olhos. Se você caminhasse pela Dixie Pike, praticamente a qualquer hora do dia, seguramente a veria a descansar, lânguida, no seu avarandado, as costas contra um pilar, a cabeça um pouco inclinada para a frente, evitando um prego saliente exatamente à altura de sua nuca – prego que, por uma razão ou outra, ela jamais se preocupou em removê-lo. Os olhos, se o momento fosse poente, quedavam-se à toa onde o sol, derretendo-se, glorioso, escorria por entre as franjas dos pinheirais. Ou talvez, encarassem fixamente a cabana cinza no outeiro adiante de onde, no entardecer, se ouviam canções folclóricas. Ou quem sabe, perseguiram uma vaca que escapara, para vagar e comer talos de algodoeiros e restolho de milho. Na ausência de algo com que pudessem se ocupar, enfocariam algum ponto vago sobre o horizonte, de onde algum fragmento de desejo pudesse vir ao seu encontro. Se a noite já caíra, esperavam pelo farol do trem noturno, que eles podiam ver quilômetros antes que a composição passasse pela Dixie Pike, perto de sua casa.

Para onde olhassem, você os seguiria e então vacilaria. Como sua face, toda a hinterlândia parecia fluir em direção a seus olhos. Fluir com a lânguida cadência do sul da Geórgia. Um jovem negro, certa feita, da estrada, olhava-a com fascínio. Um branco, dirigindo uma charrete, teve de dar-lhe um piparote com o chicote, evitando que fosse atropelado. Eu a vi pela primeira vez em seu avarandado. Passava com um amigo cuja grossura (eu era nortista e suspeito de preconceituoso e empertigado) se derretia à medida que nos aproximávamos. Indaguei-lhe: quem é ela? “É Fern”, foi tudo o que disse. Alguns, além, pensavam que eu andava por ali xeretando, mas não me importava. A primeira vista que tive dela, senti como se ouvisse a um cantor judeu. Como se seu cantar se elevasse acima de um imaginário coro de música folclórica. Senti-me engatado nela. Eu também tenho lá meus sonhos: algo que eu pudesse fazer para ela. Perambulei, demais, de cidade em cidade para não ter consciência da futilidade que é uma singela troca de paradeiro. Ademais, imagine se puder, essa jovem solitária, marrom-cremosa, sentada à janela de um apartamento, olhando a multidão passar indiferente pelo Harlem. Ou melhor ainda, você diria, e eu concordaria, imagine-a ouvindo música folclórica, no anoitecer da Geórgia. Quem sabe, ela vindo para o Norte e casando-se. Com um doutor, ou um advogado, digamos – alguém com garantia de convívio duradouro – isto é, capaz de ganhar dinheiro. Você e eu sabemos, nós que já tivemos alguma experiência nessas coisas, que o amor não é algo como preconceito que pode ser aprimorado, com mudança de cidades. Poderiam homens de Washington, Chicago, ou Nova York, mais do que os da Geórgia, trazerem o algo que ficou vago, pela doação de seus corpos? Você e eu, que conhecemos os homens dessas cidades, teremos de dizer: não. Vê-la, entrando e saindo, uma prostituta na State Street, em Chicago. Vê-la indo para uma cidade sulista onde os brancos são mais agressivos. Vê-la transformada em concubina de um branco... Preciso fazer algo em sua defesa. O que eu poderia fazer? Falar, é claro. Empurrar as franjas dos pinheirais para novos horizontes. Mas para quê? Para mim? Os homens, em idêntica situação, parecem perder seu egoísmo. Eu perdi o meu antes de tocá-la. Eu pergunto a você, amigo (e não faz qualquer diferença se você está sentado na primeira classe ou se alojado no compartimento dos negros, enquanto o trem passa pela Dixon Pike), que pensamentos irromperão – e isto depois de você haver terminado com as imagens que afloram na mente dos homens, após a visão de uma bela mulher que não os irá recusar; o que você pensará, após vê-la num lampejo, penetrante e intuitivo, quando sentada no avarandado, no momento em que seu trem troveja, passando adiante? Você saltaria do trem na próxima estação e voltaria para ter com ela, e levá-la para onde? Você a teria esquecido, por completo, quando chegasse a Macon, Atlanta, Augusta, Pasadena, Madison, Chicago, Boston ou Nova Orleães? Você vai contar para sua esposa ou namorada a respeito da garota que você viu? Suas conclusões podem ajudar, e me daria prazer em conhecê-las. Algo, eu gostaria de fazer por ela...

Num desses entardeceres, caminhei propositadamente até Dixie Pike, e parei para dar um alô. Gente de sua família estava à volta, mas afastaram-se para me dar espaço. Olha!, não sabia como começar. Seria pelo nome dos parentes, o tempo, a colheita, o novo pregador, uma galhofa, auxílio à igreja, a caça a coelhos e gambás, o novo refrigerante que estão vendendo na velha loja do Papai, o horário dos trens, como era a cidade de Macon, a migração dos negros para o Norte, casulos de gorgulhos, melados, a Bíblia – para todas essas coisas ela simplesmente disse sim senhor, não senhor. Comecei a indagar-me se, quem sabe, minha sensibilidade emocional havia me pregados uma de suas peças. “Vamos dar uma volta”, por derradeiro propus. A sugestão, vinda após um grande hiato, era uma novidade o bastante para surpreendê-la. Mas não era assim. Algo me dizia que outros homens, anteriormente, fizeram o mesmo intróito, preludiando oferecer seus

corpos. Tentei dizer-lhe isso com meus olhos. Creio que ela compreendeu. O que despertara meu desejo, esmorecia. Caminhamos pela Pike com as pessoas debruçadas em seus avarandados, de olhos pregados em nós. “Isto não te deixa brabo?” Ela queria dizer, o mundo. Atravessamos parte do canavial, pronto para corte, até chegarmos à margem do córrego. Sentamo-nos sob um liquidâmbar, cujas flores avermelhadas turbavam um pouco o riacho. O crepúsculo, sugerindo de forma quase imperceptível o desfile de gigantescas árvores, assentava-se com uma neblina púrpura em torno ao canavial. Senti-me estranho, como aliás sempre ocorre, quando estou na Geórgia, especialmente no lusco-fusco. Senti que coisas que os seres não podem ver eram imediatamente tangíveis. Não ficaria surpreso se naquele momento eu tivesse uma visão. Pessoas têm esse tipo de sensação na Geórgia, mais do que você possa imaginar. Uma negra, certa feita, viu a mãe de Cristo e desenhou-a, com carvão, numa parede do saguão do foro... Quando se está no solo de nossos ancestrais, muita coisa pode acontecer. Por força do hábito, creio, tomei Fern em meus braços – em verdade, sem sequer ter notado. Então sim, minha mente focou-se nela. Seus olhos, misteriosamente arregalados, me prenderam. Prenderam a Deus. Ele deve ter-se penetrado, da mesma forma que eu vira adentrar aos olhos de Fern a hinterlândia. Viram, homens! Eu devo ter feito algo, mas o quê? Não sei, ocorreu na confusão de minha emoção. Ela deu um salto, pôs-se de pé. Correu para pouco adiante donde estávamos. Caiu de joelhos, e começou a balançar-se, a se agitar toda. Seu corpo estava torturado com algo que não queria abandonar seu interior. Como um fluído vital em efervescência, a transbordar pelos braços e dedos, até que, como se estivesse a queimá-la, agitava-se para expeli-lo. Isso chegou à sua garganta – e o jorrou, borrifando – e, inarticulada, em queixosos sons convulsivos, pronunciou misturados apelos a Cristo Jesus. Então ela cantou, desafinadamente. Um cantor judeu, fora de tom. Com voz de criança, vacilante, ou de uma velha. A penumbra a encobria. Eu apenas podia ouvir seu cantar. Dava-me a impressão de que estava curvada, angustiada, com a cabeça pendente, em direção ao solo. Corri em sua direção. Ela desmaiou nos meus braços.

Comentaram, na plantação de cana, sobre o desmaio de Fern em meus braços. Mereci, mesmo, um par de olhares de desaprovação, vindos de homens da vizinhança, num sentimento de proteção à Fern. A bem da verdade, falaram, mesmo, em obrigarem-me a sair da cidade. Mas isto nunca ocorreu. Mantiveram, contudo, um olhar de esgueiro para mim. Logo após, retornei para o Norte. Via-a, da janela do trem, enquanto passava pela sua rua. Contemplei-a em seu avarandado, a cabeça levemente inclinada para a frente, defendendo-a do prego, os olhos vagamente postos no pôr-do-sol. Enxerguei sua face convergindo para eles – a hinterlândia e algo que eu chamo Deus... Nada, realmente, aconteceu. Nada, jamais, ocorreu com Fern, nem comigo. Algo eu gostaria de fazer em seu benefício. Seja lá o que fosse, uma coisa sem nome... E você, amigo?

Ela ainda vive, eu bem sei.

Seu nome, caso você se decida ir para aqueles lados, é Fernie May Rosen.